



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento da 20ª Reunião Ordinária do Pleno Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social

Palácio do Planalto, 05 de dezembro de 2006

Eu acho que não cabe discurso aqui, Tarso. Cabem apenas algumas palavras de agradecimento pelo significado que teve o Conselho nesses primeiros quatro anos.

Quero começar dizendo para vocês que entre idas e vindas, entre acertos e erros, entre convergências e divergências, o dado concreto é que o Conselho prestou um relevante serviço à sociedade brasileira.

Vocês não fiquem preocupados, porque essas coisas que a gente faz na política não aparecem no mesmo dia, ou, às vezes, no mesmo ano. Às vezes, leva tempo para as pessoas compreenderem que as coisas foram boas. Imaginem que Juscelino demorou 50 anos para ser reconhecido pela história deste País.

O Conselho, por tudo que eu participei aqui, por tudo que eu ouvi dizer, tanto do Tarso quanto do Jaques Wagner, que foram coordenadores do Conselho, certamente não prestou todo o serviço que poderia prestar, porque a ele não foram dados os desafios que precisariam ser dados, todos, pelo menos, e possivelmente não tenhamos cobrado as coisas que tantas vezes vocês queriam discutir e que não foi possível discutir.

Eu acho que todos nós precisaríamos ter esses primeiros quatro anos de experiência do Conselho como um aprendizado. Quando vocês fizeram o curso universitário, quando vocês se formaram, depois de quatro anos, vocês eram apenas bacharéis. Depois, precisaram fazer doutorado, pós-graduação e não sei quantas coisas mais para vocês poderem virar o que são hoje.

O Conselho é a mesma coisa. Nós todos aprendemos um pouco com



ele, aprendemos muito na convivência que foi estabelecida entre todos os membros do Conselho. Eu espero que a gente possa, para os próximos quatro anos, ter um Conselho mais vigoroso ainda, um Conselho mais plural, um Conselho com os setores todos representados, para que a gente possa produzir as boas políticas que o Estado brasileiro precisa produzir, para a gente mudar a situação e fazer o País voltar a crescer mais, que é o que todo mundo deseja, fazer o País crescer e, conseqüentemente, fazer justiça social, que é a razão pela qual todos nós estamos aqui.

Vocês têm ouvido ou lido na imprensa que eu ando repetindo diversas vezes a palavra “destravar” o País. Eu estou convencido de que destravar o País é condição “sine qua non” – gostou do “sine qua non”, Oded? – é a condição básica para que a gente possa dar o passo seguinte.

Eu penso que no primeiro mandato nós fizemos aquilo que era necessário fazer. Possivelmente não tenhamos feito tudo o que era possível fazer, mas fizemos o que estava ao nosso alcance para que a gente pudesse hoje, com muito mais sobriedade e com muito mais certeza, dizer que agora nós estamos prontos para dar os próximos passos.

Os próximos passos que nós temos que dar, sem que haja nenhuma má interpretação, é o destravamento: o destravamento da política brasileira, o destravamento de alguma legislação brasileira, o destravamento da burocracia brasileira, porque senão nós não andamos; o destravamento da economia brasileira, o bloqueio, a que estão submetidos estados, municípios e a União, de investimentos, as amarras que foram colocadas no País nos momentos em que o País estava quebrado, e é importante que a gente não se esqueça disso. E sem cometermos nenhum ato de loucura, porque não abriremos mão da responsabilidade fiscal e não abriremos mão de controlar a inflação, nós vamos ter, meu caro Armando, de fazer uma verdadeira revolução de exercícios de engenharia política e econômica para que a gente possa fazer o Brasil crescer acima de 5%. E estou convencido de que as condições estão dadas.



Eu, a partir da semana que vem, quero começar a conversar com as categorias econômicas, tanto de empresários, quanto dos trabalhadores. Não haverá organização de banqueiros, de empresários, de vários setores, porque nós vamos conversar para saber o problema de cada um, o que pode ser feito com cada setor. O problema do crescimento é um problema do destravamento, mas é também um problema da crença que nós tivermos nas possibilidades deste País crescer. Eu estou com a disposição e com o compromisso de que nós, governo, temos a responsabilidade de fazer acontecer. E fazer acontecer com outros setores da economia o que nós já fizemos com a construção civil e que sabemos que pode ser feito mais. Fazer tudo sem cometer nenhum ato de desatino com a economia brasileira, para criar fragilidade que amanhã vai nos colocar, outra vez, tendo que trabalhar de manhã para poder pagar o almoço, e trabalhar à tarde para poder pagar a janta. Isso, nós não queremos. Nós queremos, a partir do padrão de estabilidade que nós conseguimos construir neste País, a partir das coisas que nós fizemos neste País.

Quando tomei posse, Armando, eu me lembro de que uma vez fui à Bolsa de Valores em São Paulo, e o receio de eu ir à Bolsa de Valores era que o pessoal de mercado não tinha confiança no meu governo, não acreditava que era possível. Veja a ironia do destino, Juruna. Quando eu tomei posse, a Bolsa tinha onze mil pontos, hoje são 43 ou 46 mil pontos, ou seja, você imagina que nós quadruplicamos a nossa Bolsa de Valores. E isso pode ser feito com vários setores da economia. Eu acho que, para a gente fazer isso, é preciso que haja o compromisso, não apenas do Presidente da República, mas o compromisso da sociedade brasileira. Todos nós temos deveres e temos direitos. E todos nós sabemos, a começar pelos trabalhadores, pelos empresários e pelo governo, que se não estabelecermos regras nós não construiremos, porque o debate político, tal como está feito, pode não ajudar a gente a construir este País.

Finalmente, nós tivemos a aprovação da Lei Geral da Micro e Pequena



Empresa, que pode ser um avanço extraordinário, a partir de julho do ano que vem. Nós precisamos ainda aprovar algumas coisas importantes para que a gente estabeleça definitivamente regras que possam garantir às pessoas fazer investimentos. Porque, meus companheiros trabalhadores e empresários, eu fico imaginando: toda vez que a gente convence alguém a fazer investimento, nós precisamos dar garantias de que a pessoa pode investir e correr apenas o risco econômico de o mercado não aceitar o seu produto. Mas a pessoa não pode correr o risco jurídico de não poder fazer o seu investimento, a pessoa não pode correr o risco de tantos embaraços que nós criamos para que se faça investimentos. Até parece um castigo fazer investimento neste País.

Nós estamos convencidos de que isso tem que mudar. E não é uma tarefa que o Presidente da República ou que os Ministros farão sozinhos, é uma regra que nós iremos construir juntos. Juntos, com todas as entidades de trabalhadores, todas as entidades de empresários, porque o Brasil que nós queremos deixar não é mais para nós, nós já passamos da metade da vida útil que nós temos na Terra ou, pelo menos, eu. Ou seja, o que nós precisamos é construir o País da nova geração. Esse é um compromisso do governo, é a razão pela qual o povo me elegeu para o segundo mandato, e não haveria outra razão para eu continuar sendo presidente da República, para fazer as mesmas coisas que eu já fiz. O que eu já fiz, já fiz, já foi julgado pelo povo. Agora, nós temos que dar o passo seguinte, até porque foi para esse passo seguinte que o povo voltou a votar na minha pessoa para presidente da República. O Guido tem trabalhado intensamente nessa área, o companheiro Tarso Genro tem trabalhado intensamente na área política, para ver se a gente reorganiza. O Márcio sabe que a agricultura já não está tão sofrida como estive nos outros anos, eu já sei que tem gente vendendo a produção de 2008 e fazendo *hedge* e não conta para ninguém, só conta quando tem desgrça. Mas é assim mesmo, a gente aprende também que a vida é assim.

Eu estou convencido, Márcio, de que também na questão da agricultura,



a revolução pela qual nós vamos passar em função do papel do etanol no combustível mundial e em função do que podem significar os biocombustíveis, nenhum de nós ainda tem dimensão do que pode acontecer nos próximos dez anos neste País. Estou convencido, Armando, de que a indústria vai ter um salto de qualidade e eu serei um bom desafiador da indústria brasileira para que a gente possa crescer. Eu quero dizer para vocês que, da nossa parte, nós faremos o que estiver ao nosso alcance. Só não faremos gestos de irresponsabilidade porque eu tenho na pele o peso de chegar onde nós chegamos, e quem convive mais de perto comigo sabe do sofrimento para chegar onde nós chegamos. Não foi fácil. Muitas incompreensões e também muitas compreensões, e nós chegamos aqui. Jogar isso fora seria um ato de irresponsabilidade que eu jamais permitirei, jamais.

Daqui para a frente, meu caro Neto, é só melhorar. Vamos ter dificuldades? Vamos, mas as dificuldades nós superaremos no debate, na conversa, no diálogo, nos acordos que vamos fazer. Vamos continuar com uma forte política social e vamos continuar desenvolvendo este País de forma mais justa. Este País tem oito milhões e meio de quilômetros quadrados, tem regiões que já chegaram na quarta revolução industrial e tem regiões que chegaram, mal e porcamente, na primeira, e nós precisamos fazer com que o País seja mais justo na sua forma de desenvolvimento, na sua forma de política social e na sua forma de distribuição de renda.

Então, esses quatro anos serão quatro anos que, eu disse durante a campanha, e vou repetir para vocês: o segundo mandato será desenvolvimento, distribuição de renda e educação de qualidade. É para isso que eu fui eleito e é isso o que eu vou fazer. Espero, como sempre tive, a compreensão dos Conselheiros e que a gente possa juntos continuar corrigindo aquilo que deu errado no Conselho, continuar corrigindo aquilo que não deu certo no governo, aprimorar o que deu certo e trabalhar juntos porque afinal de contas todos nós somos, direta ou indiretamente, um pouco presidente deste



País.

De coração, Tarso, muito obrigado pela ajuda de vocês, muito obrigado pela compreensão de vocês em momentos difíceis. Em momentos difíceis, o Conselho não arredou o pé. O Conselho teve a grandeza de, em momentos de crise aguda, dizer: “nós não estamos aqui para fazer política partidária de A ou de B. Nós estamos aqui para construir coisas para este País”. E fizeram. Se não fizeram tudo, fizeram o que foi pedido e, certamente, vocês têm inteligência e criatividade para fazer muito mais.

Por isso, muito obrigado e até o próximo ano, se Deus quiser.

Leia o release sobre o assunto:

<http://www.info.planalto.gov.br/download/notas/REL041206.DOC>